

Rosa Ruiz

A Unção dos Doentes

Uma experiência crente

Prólogo de
José Carlos Bermejo



EDITORIAL AO

Título original
La unción de enfermos
Una experiencia creyente

© Editorial Sal Terrae, 2023
Grupo de Comunicación Loyola
Polígono de Raos, Parcela 14-1
39600 Maliaño (Cantabria) – Espanha
ISBN: 978-84-293-3087-8

Tradução
Manuel Losa, sj

Revisão
António Sant’Ana, sj

Capa
Romão Figueiredo

Paginação
Editorial AO

Impressão e Acabamentos
Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º
533879/24

ISBN
978-972-39-0987-6

Julho de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443
livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Prólogo

Celebrar a unção de doentes é, sem dúvida, uma das experiências mais intensas que um cristão pode fazer. É deixar-se ungir, untar com óleo, massajar simbolicamente em nome da comunidade que pensou – na Quinta-Feira Santa – nos doentes e pessoas muito frágeis, que precisarão e desejarão de forma especial a ternura de Deus e da comunidade.

Celebrar a unção de doentes é, sem dúvida, um dos momentos mais belos e mais íntimos que uma família pode viver, acompanhada por uma equipa profissional, ou com alguns agentes de pastoral da paróquia ou do centro de saúde. Que beleza nesses círculos de pessoas ao redor de quem, na cama, acolhe, permite, aceita a expressão carregada de emoção com que se celebra, simbólica e efetivamente, a presença de Deus entranhável – a sua graça – na pessoa do doente!

Como é belo programar uma celebração da unção – individual ou comunitária – na qual os doentes exprimem o seu desejo de se reunir com cristãos com quem partilharam a sua fé – família ou não –, com cuidadores que continuam a atender às necessidades geradas pela fragilidade ou pela doença!

Quão bonito é que, em redor do doente, da pessoa mais idosa particularmente vulnerável e frágil, os entes queridos, a comunidade eclesial (agentes de pastoral, sacerdotes), mostrem o seu genuíno interesse por cristalizar, simbólica e sacramentalmente, todos os gestos de cuidado num gesto que recolhe a densidade da ternura de Deus feita suave e transmitida com a unção do óleo preparado na Semana Santa, na eucaristia crismal, na celebração festiva dos presbíteros com o bispo, de Quinta-Feira Santa!

A minha experiência de participação em celebrações da unção está vinculada, sobretudo, ao cuidado paliativo, ao cuidado aos idosos com elevado grau de dependência, no Centro São Camilo de Três Cantos (Madrid).

Por um lado, duas vezes por ano, os mais frágeis, depois de alguns dias de catequese, celebram a unção comunitária na missa dominical de Advento ou do Dia do Doente (Páscoa). À celebração no templo segue-se uma «petiscada» nalgum salão ou ao ar livre, que permite perceber que o ar que se respira é festivo, gozoso, relacional, comunitário.

Por outro lado, quase todos os dias, em algum quarto, depois de um acompanhamento pessoal dos agentes de pastoral leigos ou dos voluntários do Serviço de Atenção Espiritual, bem como dos sacerdotes dedicados à atenção espiritual, com ênfase na dimensão sacramental, todos do Centro São

Prólogo

Camilo, reproduz-se esta cena, raramente em situação de máxima urgência ou agonia (embora também, como exceção). Sacerdote especialista em pastoral da saúde, agente de pastoral da saúde que acompanha, ensina, escreve..., companheiros profissionais do âmbito médico, psicológico e social, algum voluntário, familiares e o protagonista – o doente – no quarto de quem já não pactua com conspirações do silêncio, mas aceita a gravidade da situação e a sua ameaça de morte. Todos juntos, seguindo o ritual, sem pressa, sem dissimulações, dando espaço às lágrimas, às expressões pessoais de agradecimento, de pedidos de perdão..., num tempo de máxima densidade de experiência da força da compaixão e da comunidade, com cânticos ou sem eles...

Em ambos os cenários, aí estão: a palavra, o óleo, o agradecimento, o perdão e a comunidade. O coração palpita ao ritmo da experiência de que Deus está ali. Expressa-o a presença, a relação, a Palavra, as palavras, os silêncios, o óleo, o contacto físico ao ungir, ao tomá-lo pela mão, a imposição das mãos do sacerdote... Exprime-o tudo: Deus está aqui e é a força mais intensa que temos, que nos fica, para atravessar a fragilidade, para enfrentar a morte com Ele.

Acolhendo as propostas mais sadias sobre a unção, que nos convidam a não reduzir a sua celebração ao final e a não a ver como sacramento de moribundos, tenho de dizer que, segundo a minha experiência,

também no final da vida, em situação de últimos dias, a sua celebração tem muitíssimo sentido. Nestas circunstâncias, a celebração do sacramento da unção adquire também ares de rito de encerramento, de despedida; converte-se em momento privilegiado de agradecimento a Deus pela vida, de agradecimento a familiares e amigos por aquilo que foi partilhado; converte-se em experiência única e espiritualmente densa, para se pedir perdão, para se abrir ao Deus da misericórdia e da ternura, olhando para trás e recapitulando e aceitando ao mesmo tempo a proximidade da morte, que se pode viver em chave de entrega e confiança. A experiência diz-nos que esta celebração, neste contexto, também dá paz aos doentes angustiados e aos familiares, incute uma particular serenidade, desmontando outras dinâmicas de eventual pacto de silêncio ou outras estranhezas relacionais.

Mas também tenho experiência pessoal, do lado do paciente, de celebrar a unção. Em tempos de pandemia, depois da entrada no hospital devido a infeção pulmonar bilateral, continuei a fazer a experiência de fragilidade, sequelas, diminuição das forças (até para caminhar...). Com a minha comunidade religiosa, organizámos a celebração da unção na nossa pequena capela. Previamente, solicitei a todos os meus companheiros da província religiosa que se unissem a mim, em oração, por este motivo. Convi-

Prólogo

dei o meu companheiro mais débil e doente (se bem que por doença crónica), que, se quisesse, também a celebrasse comigo. E outro religioso de mais idade achou por bem unir-se, por iniciativa própria, ao grupo dos três que a celebrávamos como doentes. Eucaristia, cânticos, simplicidade, densidade, aceitação, solicitude pelo cuidado carinhoso, hospitalidade para com Deus nas nossas vidas permitiram-nos fazer do momento uma oportunidade para reconhecer o valor de Deus no nosso coração. Cativante.

Esta é a minha experiência, mas também faz parte dela ter conhecido muitos sacerdotes – também alunos, alguns deles – que se lamentam das dificuldades pastorais que encontram na celebração da unção. Não é raro alguns exprimirem-se assim: «a família não quer», «a família diz que se faça sem que o doente seja informado, para que não se assuste». Sempre vi estas reações como uma oportunidade para iniciar uma conversa sobre a bondade destas expressões, que podem transformar-se no melhor momento para falar da unção de que essas famílias precisam no seu coração, na sua mente, nos seus medos, no seu vínculo com o ente querido doente.

E também faz parte da minha experiência, como diretor do Centro de Humanização da Saúde (e, no passado, de uma Escola de Pastoral da Saúde), ter tido dificuldade em encontrar professores que aceitassem passar algumas horas a falar da unção dos

doentes. Ainda não consigo entender o significado desta dificuldade.

Um das coisas foram para mim motivação suficiente para conviver durante vários anos com o desejo de estudar e fazer estudar este tema. Eis aqui um dos frutos: pedi a Rosa Ruiz, como membro da equipa de investigação do Centro São Camilo, que estudasse o tema, que investigasse sobre ele, que escrevesse para poder conferir valor a este sacramento que, bem celebrado, tem um poder imenso de humanizar a experiência da fé, a experiência humana, o viver e o morrer, próprio ou de um ente querido.

A comunidade de cura, a comunidade eclesial pode encontrar na unção de doentes uma experiência rica para ser quem é: uma comunidade que gera saúde, também a partir dos ritos e dos sacramentos que humanizam.

Rosa Ruiz é doutora em teologia, licenciada em psicologia e, a partir do Departamento de Investigação do Centro de Humanização da Saúde – religiosos camilianos – dedicou-se a investigar com paixão o tema da unção. Com gosto e particular sensibilidade, apresenta-o a partir do olhar da ternura. Mas também a partir da face mais formal (o direito), da face mais pastoral, da face antropológica, bem como da face mais central: a unção como sacramento da ternura de Deus e da comunidade para com os enfermos.

Prólogo

Saúdo, pois, este pequeno livro que, ao ser publicado, quer transformar-se numa referência mais, que motive e anime a celebrar, a viver, a falar sobre a unção dos doentes. Diria, humildemente, que gostaria também que contribuísse para que se celebre mais, mais vezes, em mais contextos, com medo e sem medo, com mais ou com menos dificuldades. Não tenho dúvida nenhuma de que o facto de celebrar a unção humaniza, nos torna melhores pessoas, mais felizes, mais saudáveis.

Sonho encontrar este livro nas mãos de cristãos que, livres de preconceitos e abertos à riqueza da tradição, bem como abertos à mudança, procurem um modo de promover a celebração da unção como um elemento mais de uma pastoral da saúde que não se limita à «pastoral de doentes», mas considera a comunidade cristã em chave curativa. Uma pastoral da saúde que pense a comunidade como lugar de particular atenção e cuidado para com as pessoas frágeis e que se comprometa em integrá-las em caminhos de desenvolvimento humano integral e resiliente.

José Carlos Bermejo
Religioso Camiliano

INTRODUÇÃO

As páginas que o leitor tem diante de si pretendem apenas ser uma reflexão crente sobre o sacramento da unção e, por isso mesmo, sobre o mistério de viver e morrer, de sentir-se pleno e limitado, de se reconhecer, cada um, a si mesmo, quase sempre, entre a saúde e a doença.

Aproximamo-nos a partir de duas vertentes. Por um lado, a mais universal e humana: a de saber que estamos vivos e vamos morrer e que esta dinâmica, inserida em cada pessoa, nos torna temporais, caducos, limitados, frágeis, vulneráveis..., mas também capazes de nos recompormos, de recomeçar, de crescer, de acompanhar outros no seu próprio sofrimento. Por outro lado, falamos de um sacramento e isso implica situarmo-nos numa tradição espiritual e religiosa concreta, no quadro de uma comunidade crente, com os seus códigos, visões, raízes e ritos. Fora dela – neste caso, a Igreja Católica – o que possamos dizer carecerá de sentido ou, pelo menos, não poderá ser compreendido adequadamente¹.

¹ «Não se pode entender o significado e o valor do sacramento da unção dos doentes se não se relaciona com a *historia*

Mesmo assim, acreditamos que, como qualquer sacramento, a unção tem as suas raízes numa experiência profundamente humana e espiritual, onde todos nos podemos encontrar e reconhecer, para além de pertencermos a uma religião ou Igreja concreta. Por isso, partiremos da experiência antropológica, vital, comum a todo o ser humano. E só a partir daí partilharemos algumas propostas e sugestões para situar a unção desde uma experiência crente explícita – não apenas espiritual – desejando recuperar parte do sentido que teve na sua origem e o que poderia oferecer hoje, vinte e um séculos mais tarde. Um sacramento «para que tenham vida e vida em abundância» (*Jó* 10, 10). Porque nenhuma palavra, gesto ou ação de Jesus pretendeu algo que ficasse fora deste desejo primeiro e fundamental de Deus: que vivamos.

Santo Ireneu, bispo de Lyon no século II, plasmou-o numa bela frase: «A glória de Deus é que o ser humano viva; e a vida do ser humano é ver a Deus»². Não podemos dizer ao certo o que Ireneu queria dizer ao escrever esta frase, mas sabemos,

salutis [história da salvação] e as maravilhas da salvação realizadas por Deus a favor do homem que sofre». E. BRESSANIN, «Unción de enfermos», em J. C. BERMEJO – F. ÁLVAREZ (dir.), *Pastoral de la Salud y Bioética*, San Pablo, Madrid 2009, 1789.

² *Gloria enim Dei vivens homo, vita autem hominis visio Dei* (*Adversus Haereses*, IV, 20, 7).

Introdução

isso sim, que o termo para se referir a *vida* com que nos chegou o texto, tanto em latim como em grego, não é o termo habitual para se referir a vida eterna ou espiritual.

Vita (*zōé* em grego) fala de vida física, aqui e agora, e é o mesmo termo que o Evangelho utiliza em *Jo* 10, 10. Tudo o que atente contra uma vida plena e abundante, para qualquer pessoa e por qualquer motivo, não faz parte da vontade de Deus e, por isso, poderíamos dizer que para Ele é prioritário tratar disso (se me é permitida a expressão). O sacramento da unção é o sacramento do crente que quer viver plenamente e não quer que nada que deteriore a sua vida fique fora do cuidado de Deus.

Acrescentámos como subtítulo deste trabalho: «Uma experiência crente». Toda a pessoa que está viva sabe que está a morrer e esta consciência não se reduz, de maneira nenhuma, ao doente no final da vida. Referimo-nos a qualquer pessoa, em qualquer momento da sua vida, que se sabe rodeada de morte, de fragilidade, de sem-sentido, de solidão profunda, de limitações incapacitantes, de falta de futuro. Todas estas pequenas mortes quotidianas que não nos colocam estritamente no fim da vida, mas também não nos permitem viver plenamente, com saúde.

A esta consciência genérica pode acrescentar-se, em algum momento crítico, a experiência de que não só somos *enfermáveis*, mas também *morríveis*,

se me é permitido o neologismo³. É experimentar que a vida se rompeu para nós, seja qual for a razão, e para além de raciocínios lógicos, sentimos que não temos futuro. Sabemo-lo desde dentro e sem qualquer esperança. Esta experiência é também a de se experimentar vivo sabendo que se vai morrer. Não necessariamente pela idade avançada ou a doença grave, mas sim porque se sofre e se faz sofrer, se toma consciência que não se é eterno nem perfeito e se sente a necessidade de se sentir acompanhado, cuidado, querido... até mesmo perdoado.

A partir de uma experiência crente, não podemos contar com nenhum gesto, rito, celebração que nos ajude a dar sentido e nos acompanhe e nos *cure* nessa quebra global que, por vezes, a vida nos pode trazer?

Acreditamos que a unção é (ou poderia ser) o sacramento mais vital de quantos celebramos. Porque, no meio do sofrimento, da desesperança e da dor, quer-se celebrar que estamos vivos e abraçar a vida tal como ela vem, também doente. Também quando sentimos que nos ameaça com a morte, em qualquer das suas formas. E esta é a nossa proposta.

Primeiro, partiremos do Ritual e da teologia que, atualmente, a Igreja apresenta como fundamento do

³ P. CASTELAO fala do ser humano como *ser falecente*, «Antropología Teológica», em A. CORDOVILLA (ed.), *La lógica de la fe: Manual de Teología Dogmática*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid 2013, 171-274.

Introdução

sacramento da unção. Fá-lo-emos brevemente, pois tanto o Ritual como as orientações litúrgicas da unção são claras e há numerosos lugares onde se apresentam de maneira breve e simples⁴. Por isso, não consideramos necessário dedicar-lhes muito espaço.

A seguir, partiremos do que chamamos «Dimensão humana da unção», refletindo primeiro sobre a capacidade simbólica do ser humano e sobre o modo como entendemos hoje a saúde e a doença.

Em terceiro lugar, a «Dimensão crente da unção» explorará brevemente o significado da cura, da vida e da morte a partir do Evangelho, da tradição católica e da teologia sacramental atual.

Por fim, procuraremos concretizar a nossa proposta de um sacramento para acompanhar a vida e a doença em todas as suas formas como experiência de fé num Deus do cuidado, que nos acaricia porque sabe que a ternura nos salva.

⁴ «La Unción de los Enfermos», em *Catecismo de la Iglesia Católica* (a partir de agora CIC), <https://bit.ly/3f16e2N>; *Ritual de la Unción y de la Pastoral de Enfermos* (a partir de agora RUPE) <https://bit.ly/3DDFaB2>

Índice

<i>Prólogo</i>	5
----------------------	---

I

Introdução	13
1. Ritual atual da unção	19
1.1. <i>Elaboração do Ritual Ordo Unctionis</i> Infirmorum (OUI, 1972)	20
1.2. <i>Ritual da unção e da Pastoral de Doentes</i> (RUPE)	23

II

Dimensão humana da unção	29
2. O ser humano, animal simbólico. Do rito ao sacramento	31
2.1. <i>Mas, que ser humano? Por uma antropologia</i> <i>com sabor bíblico</i>	32
2.2. <i>Seres capazes de simbolizar, seres sacramentais</i>	37
2.3. <i>Necessitados de rituais</i>	44
3. Na saúde e na doença	49
3.1. <i>O conceito de saúde</i>	49
3.2. <i>O conceito de doença</i>	54
3.3. <i>O conceito de cura</i>	55

III

Dimensão crente da unção	59
4. Salvação e saúde, duas faces da mesma moeda.....	63
5. «Na vida e na morte somos do Senhor» (<i>Rm 14, 8</i>)	73
6. Na moldura da atual teologia sacramental	79
6.1. <i>Um pouco de história</i>	82
6.2. <i>Após o Vaticano II: renovação da unção?</i>	91

IV

Deixarmo-nos ungir por um Deus que cuida de nós: uma proposta de vida	101
7. Recuperar a unção como um sacramento de vida	103
7.1. <i>O sacramento da vida vulnerável</i>	105
7.2. <i>O sacramento do óleo</i>	108
7.3. <i>O sacramento das mãos</i>	110
7.4. <i>Celebrando a ternura de Deus</i>	113

V

Epílogo	119
<i>Oração final</i>	123
<i>Índice</i>	125